

SUBJETIVIDADE E DISCURSO EM “AS COISAS” DE PEREC

SUBJECTIVITY AND DISCOURSE IN “THINGS” BY PEREC

Paula Chiaretti
Universidade do Vale do Sapucaí, UNIVAS, Pouso Alegre, MG, Brasil

Leny Pimenta
Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, SP, Brasil

Resumo: Este trabalho pretende realizar uma análise discursiva da narrativa descritiva **As Coisas: uma história dos anos sessenta** (1965), de Georges Perec, recorrendo à Análise do Discurso fundada por Pêcheux (AD) e à Psicanálise Lacaniana. Na narrativa analisada, a lógica cultural do capitalismo causa um impacto na forma de viver dos sujeitos, capturados pelo imaginário, por meio da relação de fascínio que os objetos (“as coisas”) exercem sobre eles. A partir da análise, buscou-se pensar na questão do sujeito (e sua relação com a língua e a história) com base na articulação entre subjetividade e forma-sujeito.

Palavras-chave: Discurso; Subjetividade; Forma-sujeito; Georges Perec.

Abstract: This work intends to perform a discursive analysis of descriptive narrative **Things – A Story of the Sixties** (1965), by Georges Perec, using the Discourse Analysis funded by M. Pêcheux (DA) and of Lacanian Psychoanalysis. In the analyzed narrative, the cultural logic of capitalism has an impact on the way someone lives, captured by the imaginary through the relationship of fascination that the objects (“things”) exert on them. From the analysis, we aimed to think about the issue of the subject (in his relation with the language and the history) through the articulation between subjectivity and subject-form.

Keywords: Discourse; Subjectivity; Subject-form; George Perec.

Introdução

A Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux (AD) possibilita a construção de um dispositivo capaz de descrever e interpretar sentidos produzidos em um dado momento histórico, bem como entender que esses sentidos não são imutáveis. Ao se deslocar do texto para o discurso, essa teoria permite compreender de que modo múltiplas leituras e interpretações são possíveis diante de um mesmo objeto simbólico.

Partindo, então, desse aporte teórico e metodológico, o presente artigo pretende refletir sobre os efeitos de sentido produzidos quando

tomamos como discurso a narrativa **As coisas: uma história dos anos sessenta** (1965), de George Perec. Esses efeitos serão compreendidos aqui a partir da sua relação com o modo de viver dos sujeitos implicados/capturados pelo imaginário emoldurado pela lógica cultural do capitalismo no contexto histórico da França dos anos 1960, mas que ultrapassa esse contexto restrito ao nos fornecer indícios de uma subjetividade que será marcada pelo consumo e pelo ideal de completude que este promove.

Para tal análise (descrição e interpretação), será mobilizado um dispositivo analítico que faz operar os pressupostos teóricos estabelecidos pelo teórico e analista Michel Pêcheux. Além disso, a discussão retomará conceitos da obra de Jacques Lacan a fim de compreender alguns traços da subjetividade que é enredada no romance e os funcionamentos que privilegiam as relações que os personagens estabelecem com os cobiçados objetos.

Ao refletir nos “entremeio entre a Linguística e as Ciências Sociais” (ORLANDI, 1994, p. 55), a Análise de Discurso questiona a transparência da linguagem, relacionando os sentidos a efeitos que derivam de um “um universo logicamente estabilizado (construído por um conjunto relativamente simples de argumentos, de predicados e de relações)” (PÊCHEUX, 2008, p. 22). Assim, busca-se instaurar gestos de leitura possíveis por meio de um procedimento que opera na desconstrução de evidências, aparências, do óbvio, na medida em que os sentidos naturalizados são compreendidos como construções ou efeitos da ideologia.

Portanto, analisar recortes discursivos efetuados na obra de George Perec implica entender os sentidos que são promovidos ali, levando em consideração o contexto e as condições de produções e os efeitos de sentido imbricados nas relações que, no caso dessa narrativa, esses personagens estabelecem com os objetos.

1. Forma-sujeito, sujeito e subjetividade em *As coisas*

Entre os anos 1950 e 1960, de acordo com Murad (2008), Perec busca um caminho alternativo tanto ao “romance engajado” francês, entendido como uma continuação da política, quanto ao *Nouveau Roman*, considerado reacionário pelo autor. Para ele, o realismo deveria produzir efeitos de ordenação do mundo a partir da exposição de uma experiência pessoal que não tem um fim em si mesmo, mas que aponta para uma história mais ampla, uma história social.

Logo, mais que a história de dois personagens, o livro buscar relatar a maneira como as “coisas” (objetos de decoração, de moda, etc.) afetam um casal de jovens em Paris nos anos 1960 (ONIKI, 1995). Por conta disso, podemos pensar que esse romance descreve mais que uma história de dois jovens franceses: ele descreve uma subjetividade da época, tornando-se um lugar privilegiado de observação e compreensão da forma-sujeito histórica, entendendo a forma-sujeito como aquela à qual um sujeito se identifica ao filiar-se a uma determinada formação discursiva, por sua vez, relacionada a uma determinada formação social (PÊCHEUX, 2009).

Essa forma-sujeito, por sua vez, tem relação com o efeito de unidade de sujeito, no qual está implicado o sentimento de autonomia e responsabilidade, ou aquilo que os estudos mais sociológicos costumam chamar de identidade. Tal efeito deve ser compreendido como resultado de um processo de identificação do sempre-já-sujeito à formação discursiva à qual ele se filia. De acordo com Orlandi (2007), há ainda, como resultado, a separação entre interioridade e exterioridade, fazendo com que o sujeito seja capaz de crer que seja origem de si mesmo, “desconhecimento” próprio da constituição do sujeito.

Torna-se, nesse ponto, imprescindível apontar para a diferença entre sujeito e subjetividade. Subjetividade aqui pode ser compreendida como uma apreensão além e aquém de um efeito fugaz de sujeito, como uma possibilidade de mapeamento de indícios de fixações subjetivas relacionadas à língua e à história. Se o sujeito tem uma relação mais ou menos simétrica com o “eu”, o conceito de subjetividade decorre de uma certa relação entre o particular e o universal, uma relação com o social. Askofaré (2004, p. 4), apoiado na leitura do texto lacaniano de 1953, *Função e campo da fala e da linguagem*, define a subjetividade como “uma forma histórica e determinada de traços, de posições e de valores que têm em comum os sujeitos de uma época na sua relação ao Outro como discurso”.

Essa subjetividade se relaciona com o sujeito por meio de uma apreensão imaginária da sua divisão, seu descentramento, por parte do social. A partir da teoria psicanalítica, podemos considerar que advém da irremediável divisão do sujeito toda sorte de construções imaginárias que visam “proteger” o sujeito de sua condição possível: aquela da incompletude. Podemos considerar, no entanto, que essas construções não são sempre as mesmas em qualquer tempo. O “conteúdo” (imaginário) da subjetividade se modificaria nos diferentes contextos históricos. Por conta disso, propomos-nos extrair dessa narrativa, que tem como objetivo descrever uma forma de vida, pistas, indícios sobre as condições em que surgem as construções

protéticas de completude mobilizadas naquele contexto. Se a condição de incompletude é invariável, valemo-nos de pensar que uma ficção que enrede essa subjetividade (por vezes, por meio de uma narrativa) estaria sempre presente.

Para retrair essa subjetividade, é preciso contextualizá-la: ela aparece no pós-guerra, na ascensão de um mercado marcado pelo consumo de massa, nos anos 1960, anos que, ao mesmo tempo, são considerados revolucionários na França, pois iriam mudar os modelos de conduta das gerações subsequentes.

2. “As coisas” e os “novos homens”

Com efeito, em **As coisas**, podemos localizar uma relação com um ideal de consumo. Ideal justamente e também porque a maior parte dos acontecimentos narrados no livro é imaginada e quase nunca levada a cabo, ou, quando o são, não geram a satisfação prevista pela expectativa. De certa maneira, é paradoxalmente desse fracasso que o mercado de consumo se retroalimenta: afinal, se houvesse algum bem de consumo capaz de satisfazer para sempre o consumidor, esse bem eliminaria a condição mesmo de existência do consumidor, causando a sua própria extinção.

Na ausência de uma grande quantidade de acontecimentos, o romance se contenta em descrever diversos cenários, objetos de decoração, espaços físicos (casa, salas, prédios, etc.), se caracterizando como uma narrativa descritiva. Apesar de muitas coisas serem imaginadas e observadas, pouco de fato acontece no percurso da história. Nesse sentido, importa menos as ações efetuadas pelos personagens que aquilo que eles imaginam e por que devaneiam. Paralelamente aos sonhos e fantasias, como descobrir um tio rico ou ganhar na loteria (descritos no capítulo 4), o que se observa é uma tibieza: “Não fizeram nada, é claro. Nem sequer compraram um bilhete da Loteria Nacional” (PEREC, 2012 [1965], p. 74).

O livro situa o início da narrativa em Paris e tem como personagens principais Jérôme e Sylvie, um casal de vinte e poucos anos, psicossociólogos que trabalham com pesquisas, “pesquisas-relâmpago, chamadas *testings* ou sondagens-minutos” (PEREC, 2012[1965], p. 24), sobre os mais diversos tópicos. A vida que tais personagens levam, o trabalho e as condições materiais de aquisição de determinados bens de consumo, ou mesmo a interdição a esses bens, delineiam uma maneira de ser e de estar no mundo, característica de um período de expansão do consumo e de acesso a artigos

de luxo possibilitado por um novo mercado.

Somado à característica de seu trabalho, constantemente ocupado com a avaliação de produtos e de serviços, o fato de passarem a ganhar mais dinheiro fazia com que eles começassem a cobiçar cada vez mais um número maior de objetos. “Iam mudando, iam se tornando outros. Não era tanto a necessidade, aliás real, de se diferenciar daqueles que lhes cabia entrevistar, de impressioná-los sem deslumbrá-los. [...] Mas o dinheiro – essa observação é necessariamente banal – suscitava necessidades *novas*” (PEREC, 2012 [1965], p. 29, grifo nosso).

Aqui, por conta da presença do adjetivo “novas”, podemos considerar que a necessidade passa a um estatuto diferente da “necessidade” anterior, cuja presença e construção pode ser resgatada no recorte por meio do efeito de pré-construído (PÊCHEUX, 2009). O pré-construído, para Pêcheux (2009), está relacionado a um efeito próprio do encadeamento sintático do enunciado – seria possível, a partir daí, observar a construção de um tempo ou de elemento anterior como um efeito do próprio discurso. Assim, é possível entender de que modo o discurso aqui não somente aponta para as “novas” necessidades, mas também constrói e delimita necessidades “anteriores”, marcando uma passagem entre dois momentos históricos (a partir de então) distintos.

Uma vez que esse trabalho visa extrair, desses personagens, pontos gerais como subsídios de indícios de uma subjetividade (na sua relação com a língua e a história), podemos recorrer a um traço descrito como marcante nesse período: os efeitos da crise de 1929, causada pela superprodução, ou seja, pelo aumento da oferta aliada à baixa demanda. De certa maneira, esse acontecimento teria efeito sobre o modelo do que deveria vir a ser o Mercado. O sistema econômico pautado por um mercado produtivo entra em colapso. Não bastava mais apenas que as pessoas necessitassem para sua sobrevivência um produto. Era preciso agregar algo a esse produto, a garantir que seria cobiçado ainda que não servisse para “nada”.

Moles (2007) descreve alguns dos efeitos dessa nova maneira de produzir e consumir ao descrever o *kitsch* que “constitui um dos tipos de relação que o ser mantém com as coisas, uma *maneira de ser* muito mais que um objeto, ou mesmo um estilo” (MOLES, 2001, p. 11, grifos do autor). Perec (2012 [1965]), em sua obra, descreve essa forma-sujeito, ao narrar uma história dos anos 1960:

Eram “homens *novos*”, jovens executivos que ainda não tinham mostrado a que vinham, tecnocratas a meio caminho do sucesso. Quase todos vinham

da pequena burguesia, e seus valores, pensavam, não lhes bastavam mais: olhavam com inveja, com desespero, para o conforto evidente, o luxo, a perfeição dos grandes burgueses. Não tinham passado, não tinham tradição (PEREC, 2012 [1965], p. 38, grifo nosso).

Em um dado momento no romance, os personagens mudam de cidade; por conta dos mesmos devaneios e anseios, vão para a Tunísia, e não importa onde estão ou onde sua fascinação se faça presente, em qualquer parte, sua aspiração é acompanhada de um desapontamento e monotonia.

De certa maneira, essa “regularidade” de sentido relacionada à frustração seria uma das formas de demonstrar a ausência ou a falência da harmonia entre o momento histórico de pujança (ilustrada nas publicidades da época) e a própria condição subjetiva (sempre faltante). Sabemos que o desejo é sempre insatisfeito a despeito do que a propaganda nos promete. É desse fracasso inclusive que se alimenta a publicidade e o Mercado.

3. Figuras de sujeito

As experiências dos personagens, tomadas aqui como alegorias da subjetividade da época, estão intimamente relacionadas às novas experiências de consumo. De certa maneira, podemos pensar que a evolução dos personagens se equivaleria à da sociedade da (nova) época:

Tudo era novo. Sua sensibilidade, seus gostos, seu lugar, tudo os levava para coisas que eles tinham sempre ignorado. [...] Os caminhos que seguiam, os valores para os quais se abriam, suas perspectivas, seus desejos, suas ambições, tudo isso, é verdade, à vezes lhes parecia desesperadamente vazio. Não conheciam nada que não fosse frágil ou confuso. No entanto, era a vida deles agora, era a fonte de exaltações desconhecidas, mais que inebriantes, era alguma coisa imensamente, de intensamente aberto (PEREC, 2012 [1965], p. 29-30).

Falar em sujeito implica levar em consideração a dimensão do desejo, já que é precisamente da incompletude característica do sujeito que ele advém. Para Lacan (1998), desejo é sempre o desejo do desejo do Outro. Esse movimento provocaria no sujeito um impulso pela incessante procura da satisfação desse desejo de impossível satisfação. É dessa busca que se ocupa o sujeito da psicanálise, sempre dividido pelo seu objeto, clivado pela “falta-a-ser” provocada pela tensão entre desejo e demanda.

Sentiam-se vazios e idiotas e na lembrança que guardavam da memorável bebedeira sempre inseriam uma certa nostalgia, uma vaga irritação, uma sensação ambígua, como se o próprio movimento que os levava a beber apenas tivessem avivado uma incompreensão mais fundamental, uma irritação mais insistente, uma contradição mais cerrada da qual não conseguiam se desviar (PEREC, 2012 [1965], p. 41).

Sabe-se que, para a teoria da Análise do Discurso, as formações ideológicas se encarregam de fornecer objetos substitutivos ao sujeito desejante. Esses objetos tentam dar conta de preencher o vazio do real como afirma Tfoundi (2009):

[...] na sociedade capitalista atual, o desejo se realiza através da fórmula do desmentido fetichista: se o desejo é desejo puro e não pode ser preenchido por nada, então a tarefa de preencher esse desejo com algo é ideológica, marcada pelo Capital, que impõe produtos (objetos) a desejar (consumir). Isto se realiza, de acordo com Žizek e Lukács, por uma fórmula fetichista, visto que quando o sujeito nomeia o desejo, finge acreditar que os objetos nomeados constituem a sua verdade, e estão, portanto, obturando seu desejo (seu sintoma) (TFOUNI, 2009, p. 1).

Dessa forma, caberia ressaltar, ainda do contexto histórico da França dos anos 1960, as manifestações que emergiram no seio da classe trabalhadora. Justamente, nessa década, a Análise do Discurso surgia como forma de reação às concepções predominantes de ideologia nas teorias sociais e de linguagem na linguística. Michel Pêcheux, fundador dessa teoria, considerava um grande *gap* (lacuna) entre a prática linguística e a prática política que pressupostamente admitiam a transparência da linguagem. No entanto, era preciso levar em consideração a dimensão política das práticas de linguagem.

A história registra, nessa época, um grande número de jovens universitários com uma fome intelectual, ávidos pelo prenúncio de liberdade após uma época repressora (pós-guerra), que os havia arrebatado. Havia, entretanto, também, grupos de jovens que não se envolviam em manifestações políticas por privilegiarem muito mais o bem-estar e o conforto proporcionados pelas inovações técnicas que outras formas de viver em sociedade, como pode ser considerado o caso desse casal Jérôme e Sylvie, que atrelavam as aspirações de felicidade aos objetos que adquiriam como se os vinculasse à própria identidade. Esse (não) engajamento, no entanto, se mostra em tensão constante com um desejo de que tudo se passe de outra maneira:

“[...] outras vezes não aguentavam mais. Queriam combater, vencer. Queriam lutar, conquistar sua felicidade. [...] Viviam num mundo *estranho* e *variável*, o universo cambiante da civilização mercantil, as prisões da abundância, as armadilhas fascinantes da felicidade” (PEREC, 2012 [1965], p. 65, grifo nosso).

Percebe-se que o “estranho” mobiliza, nesse contexto, sentidos relacionados a incertezas, tensões, hesitações, oscilações. O lugar da estranheza correspondia a mergulhar entre as “coisas”, como se ali, em meio aos objetos, eles pudessem encontrar o sentido do mundo. Há, na questão do estranhamento, a ideia de afastamento desse mundo das coisas, um isolamento, e, ao mesmo tempo, num sentido inverso. Nota-se a aproximação, uma atração pelo inesperado, pelo não conhecido, resvalando o que é suspeitamente familiar (FREUD, 1996).

Ainda considerando o contexto de lutas dos anos 1960, o autor continua: “Milhões de homens, outrora, tinham lutado, e até mesmo ainda lutam, pelo *pão*. Jérôme e Sylvie não acreditavam que fosse possível lutar por *sofás Chesterfield*. Mas essa seria a *palavra de ordem* que os teria mobilizado mais facilmente” (PEREC (2012 [1965], p. 65, grifos nossos). Nesse recorte, a substituição de “pão” por “sofás Chesterfield”, como “palavra de ordem”, já indicia a passagem de dois momentos históricos que são distinguidos pelo próprio funcionamento discursivo que coloca em oposição (ou pelo menos em discordância) duas lutas distintas, uma por “pão” e outra, mais recente e de fácil adesão, por “sofás Chesterfield”.

O “conforto” é um dos propulsores da modernização que se observa a partir da década de 1930. Essa modernização se caracteriza pelo aumento da oferta de produtos bem como pela melhoria da qualidade dos produtos oferecidos. É, em geral, na casa, considerada um microcosmo, que se observa essa modernização, por meio da disponibilização e desenvolvimento de eletrodomésticos que visam a facilitar a vida cotidiana. Essas modificações da vida material implicam necessariamente mudanças nas relações entre os sujeitos bem como na da sua imaginação. Se, em um primeiro momento, essas inovações se dirigem exclusivamente à burguesia, em pouco tempo, se expandem massivamente para outros grupos sociais (MACHADO, 2008).

Lê-se em Perec:

o conforto – e isso era talvez o mais grave – lhes fazia falta cruelmente. Não o conforto material, objetivo, mas uma certa desenvoltura, uma certa descontração. [...] O gosto que tinham pelo bem-estar, por uma situação melhor, se traduzia no mais das vezes por um proselitismo idiota: então discorriam muito tempo, eles e seus amigos, sobre a genialidade de um

cachimbo ou de uma mesa de centro, e os transformavam em objetos de arte, em peças de museu (PEREC, 2012 [1965], p. 19).

Além disso, o ideal burguês de consumo, que veicula um estilo de vida generoso, promove o desenvolvimento de uma nova área de conhecimento que rapidamente se torna essencial a qualquer bem produzido, o *design*, que aparece, em diversos momentos, na obra, por meio da descrição minuciosa de objetos. Levando em consideração que o lugar social que o “indivíduo” ocupa nessa sociedade pautada pelo consumo está diretamente relacionado aos bens materiais que possui ou que consome, a descrição de um ideal de decoração de casa é o lugar em que essa maneira de produzir e consumir consegue produzir efeitos de sentidos:

Teriam partido em um cruzeiro e encontrado, ao voltar, um apartamento transformado, decorado, renovado, um apartamento-modelo, maravilhosamente maior, cheio de detalhes na sua medida, divisórias removíveis, portas de correr, um sistema de aquecimento eficaz e discreto, uma instalação elétrica invisível, um mobiliário de boa qualidade (PEREC, 2012 [1965], p. 19).

Aqui, o uso do futuro anterior¹ (“teriam partido e [teriam] encontrado”) descreve essa ação que ainda não aconteceu no tempo, mas que pode aparecer como acabada, como uma projeção de realização de um desejo. Desta forma, o tempo verbal utilizado é capaz de mobilizar o funcionamento do ideal que se constitui como um pré-construído no recorte acima, como aquilo que poderia estar lá se...

Segundo Moles (2007), a relação com os produtos e as coisas toma uma dimensão ainda maior nesse momento, pois é o que faz mediação da relação entre os sujeitos. Por isso, “a psicologia da vida social se orientará para o estudo das *relações do indivíduo com as coisas*, uma vez que essas coisas são produtos sociais bem mais caracterizados e mais atuais que os humanos que os realizaram” (MOLES, 2007, p. 12, grifos do autor). Haveria, portanto, no consumo a realização de uma subjetividade da época.

Além do *design* e do conforto, outra característica marcante dos objetos, a partir desse período, é a obsolescência, ou seja, a redução da

¹ O futuro anterior no francês descreve uma ação acabada que se desenrola no futuro. O recorte em francês, língua original (PEREC, 2005 [1965]), p. 22, grifos nossos) : “*Ils seraient partis en croisière et aurait trouvé, à leur retour, un appartement transformé, aménagé, remus à neuf, un appartement modèle, merveilleusement agrandi, plein de détails à sa mesure, des cloisons amovibles, des portes coulissantes, un moyen de chauffage efficace et discret, une installation électrique invisible, un mobilier de bon aloi*”.

vida útil dos objetos. A todo o momento, um novo objeto, mais moderno, substitui um objeto antigo, já ultrapassado. Isso (aliado a outros fatores) estaria implicado no aumento da velocidade tão característico desse período.

4. Metonímia: uma estreita relação entre significantes

Analogamente ao Mercado e à substituição de objetos anteriores por novos objetos (substituição marcada por uma obsolescência programada), na narrativa **As coisas**, deparamo-nos com frequentes listas e listagens de objetos, ações, lugares, acontecimentos, produzindo um efeito de constante deslizamento/deslocamento significante. Por conta desse deslizamento, podemos pensar em uma metonímia que se caracteriza pela contiguidade ou proximidade entre os termos.

E houve o sabão em pó, a roupa que seca, a roupa que é passada. O gás, a eletricidade, o telefone. As crianças. As roupas e as roupas de baixo. A mostarda. As sopas em pacote, as sopas em lata. Os cabelos: como lavá-los, como pintá-los, como mantê-los, como fazê-los brilhar. Os estudantes, as unhas, os xaropes para a tosse, as máquinas de escrever, os adubos, os tratores, as diversões, os presentes, a papelaria, a linha branca, a política, as autoestradas, as bebidas alcoólicas, as águas minerais, os queijos e as conversas, as lâmpadas e as cortinas, os seguros, as jardinagens. Nada do que era humano lhes foi alheio (PEREC, 2012 [1965], p. 27).

Podemos interpretar essa combinatória de objetos, essa sucessão e a superação de um objeto pelo outro à insatisfação característica do desejo, promovido pela falta estrutural do sujeito que é dividido pelo significante. O objeto “a”, que supostamente poderia vir a completar esse sujeito desejante, é o representante do objeto para sempre perdido e experienciado no primeiro e mítico encontro com *das Ding*. A metonímia, ou seja, o deslocamento significante em uma sequência que parece não ter fim, já que sempre há um novo significante que substitui o anterior, é a maneira que o sujeito encontra de lidar com a falta desse objeto sempre perdido.

Se essa dependência de objetos substitutos era compreendida na Antiguidade como um tipo de escravidão, na visão burguesa é compreendida como um tipo de liberdade, já que, a cada nova promessa que um bem de consumo enreda, essa completude se projeta no horizonte. É dessa promessa que surge o fascínio que cada novo objeto exerce sobre os personagens.

Consideramos que seria justamente, também pelo impossível, que esse ideal de completude comporta que este somente pode aparecer como

realização futura, o que é indiciado, nessa narrativa descritiva de Perec, pelo uso do tempo verbal futuro do indicativo no Epílogo:

Eles se *sentirão* confortáveis dentre de suas roupas leves. Eles se *acomodarão* no compartimento deserto. O campo francês desfilará. *Olharão* calados para as grandes plantações de trigo maduro, para as vigas descarnadas das torres de alta-tensão. *Verão* fábricas de farinha usinas quase graciosas, grandes acampamentos de férias, barragens, casinhas isoladas no meio de clareiras. Crianças *correrão* por uma estrada branca (PEREC, 2012 [1965], p. 115, grifos nossos).

Considerações finais

A metonímia significativa, o fascínio que os objetos exercem nos personagens, a constante incompletude selada pela promessa de uma nova vida que nunca se realiza, a não ser em um momento futuro, são alguns dos traços da subjetividade passível de ser descrita a partir da análise de **As coisas**. Essa subjetividade é marcada pelos efeitos de uma lógica do consumo e da possibilidade de criação social e subjetiva que são inauguradas a partir de meados do século XX.

Compreende-se que é no deslocamento de sentidos que a análise discursiva permite que se torne possível demonstrar os processos de produção de evidência bem como de silenciamento e, ao mesmo tempo, apresentar, por meio da interpretação, um funcionamento do imaginário social. Além disso, pode-se considerar que o efeito de bricolagem, produzido na obra, é constituído de resíduos, efeitos de dissimulações e de fuga que evidenciam passagens por onde perambula a memória, lugares talvez vividos na presente ausência.

Nesse sentido, concordamos com Tfouni e Tfouni (2008) quando dizem que o sujeito fetichista caracteriza-se por agir “como se” a fantasia, a ele oferecida pelo Outro, estivesse preenchendo a falha. Os autores acrescentam que essa fantasia é “estruturada como linguagem, isto é, simbolizada, narrativizada”; assim, compreendemos que “as coisas” representam, por meio do recurso à Literatura, a função de ser aquilo que preencheria, que daria consistência à falta que o desejo implica, assujeitando o sujeito ao consumo.

Referências

ASKOFARÉ, S. Structure et discours. In : **Jornée d'étude de la découverte freudienne**. Toulouse, 2004. Disponível em : <w3.erc.univ-tlse2.fr/pdf/structure_discours.pdf>. Acesso em: jan. 2013.

FREUD, S. O estranho. **Obras completas**, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, [1919] 1996.

LACAN, J. Situação da psicanálise em 1956. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 461-495.

MACHADO, A. S. **A questão das embalagens e sua relação com a sustentabilidade**. 2009. 181 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

MOLES, A. **O kitsch**: a arte da felicidade. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MURAD, S. A peça flaubertiana no *Les Choses* de Georges Perec. **Revista Eutomia**, Ano I, n. 2, p. 467-483, 2008.

ONIKI, Y. Perec, Marx, and *Les Choses*. In: **Qui parle: The dissimulation of History**. v. 9, n. 1, fall/winter, p. 92-118, 1995.

ORLANDI, E. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11-20.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 2009.

PEREC, G. **Les Choses**: une histoire des années soixante. Paris: Denoël, 2005.

_____. **As coisas**: uma história dos anos sessenta. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TFOUNI, L. V. A escrita como processo terapêutico – relação entre inconsciente e ideologia. In: **Anais do IV Seminário de Estudos em Análise de discurso**, Porto Alegre: UFRS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/LedaVerdianiTfouni.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2016.

TFOUNI, L. V.; PIMENTA, L.; PATTI, E. R. Onde se encontra a felicidade? A propaganda e o vazio do desejo. **Discurso, teoría y análisis**. n. 33, pp. 119-138, 2013.

TFOUNI, L. V.; E TFOUNI, F. E. V. Reificação, subjetivação e fetichismo. In: ROMÃO, L.; GASPAR, N. R. **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João, 2008. p. 56-70.

Paula Chiaretti, Leny Pimenta
Subjetividade e discurso em “As Coisas” de Perec
Submetido em: 2016-03-01
Aprovado em: 2016-07-06